

NÃO HÁ MEMÓRIA NOS ÚLTIMOS 180 ANOS

FOME SEM PRECEDENTES INSTALADA NO NIASSA

- Mais de 300 mil pessoas afectadas
- Necessárias 10 000 toneladas de cereais urgentemente

por Ernesto Zucule

4/9/86
N.

A província do Niassa está a braços com a pior situação de fome de que há memória na história daquela região nos últimos 180 anos. Um total aproximado de 300 mil pessoas (quase metade da população da província) tem carências absolutas de mantimentos neste preciso momento.

O membro do Bureau Político do Partido Frelimo e dirigente do Niassa, Mariano Matsinha, que revelou a informação, em encontro exclusivo com o «Notícias», na última segunda-feira, disse que a província precisa de um apoio imediato.

Estimou que só um mínimo de 10 mil toneladas de cereais poderia minimizar os efeitos dramáticos da fome, como o são as doenças e a subnutrição, que se multiplicam dia após dia, e já bem patentes em muitos adultos e crianças, mesmo nas cercanias da capital provincial, Lichinga.

Mariano Matsinha revelou que, se a resposta a esta preocupação não for imediata, a província poderá experimentar uma crise sem precedentes, num momento em que Niassa não possui nenhuma reserva alimentares nem de medicamentos e numa altura em que o contacto com alguns distritos produtores e províncias vizinhas se tornou muito difícil, devido à falta de combustíveis e de peças sobressalentes para viaturas de que o País se ressent e à acção desestabilizadora externa de que somos vítimas.

A situação da fome afecta presentemente oito dos 15 distritos da província, nomeadamente Lago, Ganga, Lichinga, Mavago, Mecula, Cuamba, Metarica e Maúa, habitados por uma população calculada em 300 mil pessoas.

O dirigente da província admitiu que mais pessoas possam passar fome em outros distritos, sobretudo devido à acção inimiga, acentuando, porém, que naqueles oito a situação é crítica neste momento e recia-se que venha a haver mortes.

O fenómeno de fome é devido à fraca produtividade, cuja causa principal foi a chuva em abundância que se fez sentir durante toda a campanha

transacta (85/86), que não permitiu produzir ou que destruiu áreas de cultura. Este problema não atinge apenas Niassa, mas igualmente o vizinho Malawi, também a braços com uma situação idêntica em territórios situados na parte oriental e a sudeste do País, segundo confirmou uma fonte

A carência absoluta de mantimentos faz-se sentir particularmente nos chamados centros urbanos, onde por sinal vivem mais pessoas e onde a prática de agricultura (e mesmo das zonas verdes) não conheceu qualquer perspectivação nos últimos anos. A situação de fome pressentiu-se, se-

laconhecera que os resultados negativos de uma campanha se distribuíam tão equitativamente pelos principais sectores produtivos (familiar, estatal, cooperativo e privado) como foi nesta de 85/86.

O que vem sendo prática é que, enquanto o familiar procura o feijão, o estatal procura o milho e vice-versa, numa permuta contínua de produtos que não chega a pôr em risco nem um nem outro, obrigando-os a procurar tudo em todos, como hoje acontece.

FOME E NUDEZ DE MÃOS DADAS

Como se a nudez que afecta a maior parte dos distritos fosse coisa normal, a fome vem este ano «infiltrar-se» numa província tradicionalmente conhecida como rica em comida, onde nunca chegou a atingir proporções tão alarmantes que obrigue o Governo a pedir apoio externo à província.

Dizer-se que em muitos distritos as populações recordam com muita tristeza os tempos passados da história, servindo-se de folhas e peles para vestir-se, não é mentir, nem tão pouco dramatizar a situação. São famílias, que não se visitam por falta de roupa, são crianças que abandonam a escola, enfim, são todos que, de lés a lés, procuram em vão trocar uma lata de feijão ou batata-doce por um vestido, por uma camisa, por uma calças...

Este conjunto de situações está a transformar (se ainda não transformou) o carácter destas populações de quem era possível encontrar fosse o que fosse apenas por um «obrigado». A falta de roupa (no campo) e de comida (nos centros urbanos) dita o seguinte modo de vida: Queres feijão? — Dá-me uma capulana, camisa, calça ou blusa. Queres uma galinha? — Dá-me uma barra de sabão, uma lata de sal. Queres uma camisa? — Dá-me um saco de milho. E por aí fora.

O dinheiro, essa nota ou moeda cuja falta tantos dissabores provoca a quem tem de comer e vestir (para terceiras necessidades), no Niassa já não tem valor. E não tem valor quanto menos existe para comprar nas lojas e nas populações, nem mesmo as «xicalamidades» (ou «caunijica» como chamam os niassenses) cuja forma, tamanho, feição e cor não se conhece em Mavago, Nipepe, Metarica, Mecanheas e em tantos outros distritos que, pela sua localização, pouco ou nenhum contacto mantêm com os chamados distritos privilegiados, como o são os de Lichinga e Cuamba.



Mariano Matsinha, Dirigente do Niassa

da Embaixada malawiana, em Maputo.

Segundo explicou o dirigente do Niassa, a queda permanente de chuva é um fenómeno que acontece, desta feita, pela segunda vez em aproximadamente 180 anos. A última vez que fenómeno do género ocorreu, segundo se estima, terá sido nos anos de 1800.

gundo Mariano Matsinha, no primeiro mês do ano em curso, quando se detectou que as chuvas tinham abrangido a maior parte dos distritos, prejudicando todas as culturas da primeira época.

Segundo informações do Governo do Niassa, a campanha agrícola, que terminou, foi a pior de todas desde a independência, pois nunca antes